

CRÔNICA

Ana Lúcia Moura* • nalumouradf@gmail.com



Um caso de amor com Brasília

Sonhei com números e perdi o sono pensando no que eu faria se ganhasse na loteria. Nesse tipo de exercício, o impulso mais natural é imaginar extravagâncias, como largar o emprego, dar a volta ao mundo ou mudar de país, mas, no meu devaneio, eu só consegui pensar em quitar os boletos e realizar desejos de um futuro imediato.

Eu organizaria uma festa para comemorar meus 50 anos, que chegam em menos de 30 dias. Encheria meu quintal de gente, providenciaria uma feijoada caprichada, um bar de caipirinhas e outros drinques, um samba ao vivo com o 7 na Roda, para abrir o dia, e música brasileira com a La Ursa, para garantir a noite.

Abraçaria profundamente cada um que adentrasse meu portão. De presente, me daria uma foto com cada convidado. Na semana seguinte, embarcaria com meu caçula para Natal, para que ele pudesse encontrar uma turma de amigos que estará por lá nessa temporada. Eu reservaria um hotel pé na areia em Genipabu e tomaria banho de mar por 10 dias.

De volta a Brasília, reuniria toda minha pequena família na noite de Natal, como fazemos todos os

anos, com a diferença de que desta vez ninguém precisaria cozinhar. No dia seguinte, eu planejava outra viagem, agora para o reveillon. Meu caçula escolheria o destino. Essa é uma dívida que tenho com ele. E se ele hesitasse, eu proporia começarmos por Milão, de onde desceríamos até Roma, passando por Génova e Florença.

Finalmente, voltaria novamente a Brasília. E pronto! Seguiria a vida. Compraria um terreno perto de onde moro e planejava a construção de uma casa térrea com varanda ampla e uma pintura de lamparinas coloridas do Francisco Galeno. Aos sábados, iria petiscar a casquinha de caranguejo da Iacina na Quituart. Aos domingos, sentaria com os amigos na grama dos canteiros do Eixão para ouvir chorinho ou jazz, e depois caminhar até o Beirute para um chope



gelado com pão sírio, grão de bico, coalhada e tabule.

O delírio de um prêmio inesperado não abala meu desejo de permanecer em Brasília. O amor pela cidade onde nasci é quase poético, ainda que eu não tenha talento para poesia e que ela não apresente as virtudes e a maturidade de muitas metrópoles que tive a oportunidade de conhecer nestes quase 50 anos.

Brasília é pura matemática, com atributos únicos.

Aqui estão as avenidas

retas, largas e compridas que se cruzam como coordenadas geográficas; as praças monumentais de concreto, sem sombra nem bancos; os ipês que florescem na seca formando alamedas amarelas, brancas e roxas; os bares de vida curta nas comerciais apinhadas de gente; as superquadras do Plano Piloto com seus prediozinhos de seis andares (ops, sete) e uma quadra de lazer com parquinho no meio; as ruas movimentadas das regiões administrativas,

cada uma com seu encanto.

Aqui, estão minhas memórias, meus amigos, minha família. Se eu ganhasse o prêmio, certamente andaria muito por aí, mas meu coração e meus pés me devolveriam repetidas vezes para cá. Constatar meu amor pela cidade onde já vivo e analisar meu plano banal de dar cabo a uma fortuna imaginada é me dar conta de que não preciso de muito mais do que tenho para ser feliz. Eu ganhei na loteria.